

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

DE CHIAPAS ÀS OCUPAÇÕES DE ESCOLA – AÇÃO DIRETA E AUTONOMIA NAS LUTAS CONTEMPORÂNEAS NA AMÉRICA LATINA

Parte da historiografia e teóricos políticos após a queda do muro de Berlim no ano de 1989 tratava o evento como “fim da história” e uma irrefutável vitória do capitalismo, não conseguindo enxergar outra via que não fosse dentro dos marcos desse sistema e da chamada democracia liberal.

Será justamente nesse contexto pós Guerra Fria – período tradicionalmente compreendido entre o fim da Segunda Mundial e a queda do Muro de Berlim - que vamos iniciar nosso recorte teórico e histórico na apresentação do presente trabalho.

Primeiramente conjugando os dois conceitos de ação direta e autonomia, vinculados à filosofia política anarquista, que busca acima de tudo busca romper com todas as formas de autoridade e hierarquias institucionalizadas, em todos os níveis políticos e sociais. Além disso, o anarquismo seria a única corrente política e filosófica que busca aprofundar não só na teoria, mas principalmente na prática, a questão da liberdade e igualdade como princípios centrais.

Autores e militantes clássicos do campo anarquista como J.J. Proudhon, Mikhail Bakunin, Louise Michel, Piotr Kropotkin, Errico Malatesta, Emma Goldman, Lucy Parsons, dentre tantos outros e outras buscaram estabelecer os princípios colocados acima associando teoria e prática política ao longo de suas vidas. Sem contar que inspiraram diversos movimentos e mobilizações ao longo dos últimos séculos em toda parte do mundo.

Nesse sentido, falaremos inicialmente sobre a teoria e prática da ação direta. Segundo Silva (2019) o conceito de ação direta apareceu por escrito pela primeira vez no Congresso de Amiens (1906): “a ação econômica deve-se exercer diretamente contra o patronato”. O termo, no entanto, já era usado no contexto do movimento sindicalista francês na década de 1890, resumindo-se a “ação industrial”, como “greves, boicotes e sabotagens” (SILVA, 2019, p. 193).

No ano de 1912 um ensaio chamado “Ação Direta” publicado pela anarquista estadunidense Voltairine de Cleyre que também sintetiza em algumas passagens o que

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

significa ação direta. Como por exemplo quando a ativista diz que “Todas as experiências de cooperação são essencialmente ação direta. Todo indivíduo que em sua vida teve uma diferença com qualquer outra pessoa, e diretamente procurou outras pessoas para envolvê-las na luta, através de um plano pacífico ou não, colocou a ação direta em prática. Greves e boicotes são exemplos de tal ação” (DE CLEYRE, S/D)¹.

Portanto, podemos resumir ações diretas como uma tática e princípio libertário cuja construção de políticas se baseiam na ajuda mútua entre membros de uma coletividade, sem participação de representantes de governos, empresas ou quaisquer intermediários das atuações em determinadas pautas políticas.

Quando falamos de ação direta, de agir politicamente sem intermediários e de forma coletiva, nossa reflexão necessita se estender a noção de autonomia. Ações diretas ao serem reivindicadas na filosofia política anarquista está vinculada a percepção de autonomia política, ou seja, de agir para além das instituições do Estado.

Ao falarmos de autonomia política podemos tomar como uma das principais referências o intelectual grego radicado na França Cornelius Castoriadis (1983), que em sua obra “Socialismo ou barbárie: o conteúdo do socialismo”² aprofunda o debate de diferentes formas de organizações políticas que vislumbram ser radicalmente democráticas, com críticas à representatividade e apontando outras maneiras de se entender o socialismo na prática.

Castoriadis resgata fatos históricos sem deixar de dialogar com a contemporaneidade. O autor sobre o assunto diz que a autonomia “implica necessariamente a participação ativa e igualitária em todo o poder social que decide sobre os problemas comuns” (CASTORIADIS, 1983, p. 21).

Além de fazer críticas a democracia representativa e ao liberalismo, o intelectual grego fez duras críticas ao Estado Soviético e seu caráter centralizador. Nesse sentido, foi o principal teórico numa vertente política que se aproximaria da prática anarquista que é o autonomismo.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

É desse ponto de partida, combinando tanto na teoria como na prática os conceitos de ação direta e autonomia que iremos apresentar traços em comum nos movimentos de reivindicação de diversas naturezas e pautas contemporaneamente na América Latina.

SOBRE O DNA DA AÇÃO DIRETA E AUTONOMIA NAS MOBILIZAÇÕES DA AMÉRICA LATINA

Nessa segunda parte da apresentação do nosso trabalho vamos listar e mostrar alguns acontecimentos históricos nas últimas décadas para conectar e exemplificar os conceitos expostos na parte anterior.

Começamos falando sobre o levante zapatista na região de Chiapas, no México, que aconteceu em janeiro de 1994. Sobre o assunto Hilsenbeck Filho e Spinelli³ caracterizam da seguinte forma esse momento histórico:

“O zapatismo logo se constituiu em força sindical aglutinadora dos descontentes com o neoliberalismo no México, atraindo a simpatia de variados setores e classes. Tentou organizar um projeto comum entre desempregados, camponeses sem terra, movimentos indígenas, setores progressistas da Igreja católica, funcionários do Estado, estudantes, professores, ativistas, sindicatos e trabalhadores da cidade e do campo, cooperativas rurais, pequenos comerciantes e microempresários, todos contrários ao governo do Partido Revolucionário Institucional (PRI), uma máquina de institucionalização da vida política que ganhava eleições presidenciais desde os anos 30” (HILSENBECK FILHO; SPINELLI, 2012, p. 244).

Os autores ainda complementam dizendo que,

“(...) o levante extrapolou as fileiras militares zapatistas, resultando em um boom de ocupações de terra no estado por organizações rurais não ligadas diretamente ao EZ. Uma rede de organizações políticas e

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

produtivas (econômicas) atuantes no meio rural apoiou ativa e passivamente a insurreição, na medida em que se apropriaram da lei agrária revolucionária publicada pelo EZLN nos primeiros dias do conflito” (HILSENBECK FILHO; SPINELLI, 2012, p. 245/246).

Com relação ao movimento dos piqueteros na Argentina, foi uma mobilização que ocorreu devido a um contexto em que houve um processo de privatizações de diversas empresas públicas como da área de telefonia, luz, estradas de rodagem, dentre outras. Tais trabalhadores recém desempregados se organizaram para fazer piquetes e fechar estradas como reação às medidas políticas adotadas pelo governo da época.

Diante da diversidade do movimento piquetero, Cardozo (2008)⁴ diz que,

Existem repertórios comuns que continuam a ser adotados pelos diversos grupos e são parte da identidade de todos os grupos que se denominam “piqueteros”. São eles a ação direta, a prática assembleária e o trabalho territorial. É também importante ressaltar a dependência das agrupações piqueteras em relação ao Estado: são os subsídios governamentais que sustentam diversos grupos e permitem a realização do trabalho comunitário nos bairros (CARDOZO, 2008).

Anos mais tarde, houve outro grande exemplo de ação direta que merece ser mencionado - a Comuna de Oaxaca que ocorreu em 2006 também no México. Um movimento que começou a partir de uma combativa greve de docentes naquele estado mexicano e levou a um levante popular que transformou a capital em uma comuna, com incessantes marchas de 500 mil pessoas e diversas barricadas nas periferias (CARRANO, 2018).

Ainda no mesmo ano de 2006 tivemos um grande movimento de ocupações de escolas no Chile. As mobilizações aconteceram em todo país e foi chamada de “Revolta dos Pinguins”. As principais pautas dos estudantes eram referentes ao projeto de privatização do sistema de educação que vinha ocorrendo (e que de certa forma avançou por alguns

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

anos depois). Essa mobilização serviu como uma espécie de “renascimento do movimento estudantil” chileno e influenciou diversas outras mobilizações em outros locais, como, por exemplo, no Brasil.

Anos depois - mais exatamente em 2011 – estudantes no Chile também protagonizaram rebeliões contra o sistema de educação nacional. Dessa vez as revoltas eram focadas contra o ensino superior e suas reformas privatistas. Estudantes universitários e secundaristas se organizaram para reivindicar um ensino gratuito e de qualidade no país, protagonizando inúmeras manifestações, contando com centenas de milhares de manifestantes⁵.

Avançando um pouco e chegando ao ano de 2013 no Brasil, citaremos as rebeliões que estouraram em junho por conta do aumento da tarifa das passagens locais em todo país, mas que não se limitaram a esse mês em alguns locais como o Rio de Janeiro, por exemplo.

Inclusive algumas ocupações aconteceram nesse período no Estado do Rio de Janeiro, como por exemplo, a da Câmara dos Vereadores da capital, entre 9 e 21 de agosto, e a da Câmara dos Vereadores de Niterói, entre 8 e 24 de agosto (MORAES, 2018)⁶.

Em 2013, realizaram-se também ocupações na frente da residência do Governador Sérgio Cabral (Ocupa Cabral)⁷ e em frente ao terreno em que foi instalado o campo de golfe (Ocupa Golfe)⁸ para as Olimpíadas de 2016, numa área de proteção ambiental, também na capital fluminense.

Já no ano de 2015, cerca de 200 escolas da rede estadual foram ocupadas por estudantes em São Paulo contra o chamado plano de reorganização escolar proposta pelo governador Geraldo Alckmin e seu partido, o PSDB. Sem diálogo com a comunidade escolar (corpo

⁵ <https://www.sul21.com.br/noticias/2011/12/protestos-no-chile-estimulam-movimentos-estudantis-na-america-latina/>

⁷ <https://theintercept.com/2017/09/22/no-fim-das-contas-o-ocupa-cabral-tinha-razao/>

⁸ <https://jornalgn.com.br/noticia/sem-dialogar-prefeito-do-rio-prefere-expulsar-dos-ativistas-do-ocupa-golfe/>

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

docente e discente, funcionários e responsáveis pelos estudantes), o plano tinha como um dos pontos principais o fechamento imediato de 93 escolas da Rede Estadual.

O movimento de ocupações escolares organizadas por secundaristas avançou para outros locais do Brasil e, em 2016, começou a se fortalecer no estado do Rio de Janeiro. No Rio de Janeiro as ocupações coincidiram com uma greve deflagrada no início de março do mesmo ano pela categoria, greve esta que viria a durar cinco meses e foi a que possuiu mais alta adesão segundo o Sindicato Estadual de Profissionais da Educação (SEPE-RJ)⁹.

Vale ressaltar que além de São Paulo e Rio de Janeiro – foco da presente pesquisa -, o fenômeno se espalhou para outros estados do país, como Goiás¹⁰, Rio Grande do Sul¹¹, Ceará¹², Mato Grosso¹³, Pernambuco¹⁴, Paraná¹⁵, dentre outros. E por fim vale mencionar que as revoltas estudantis encontraram ecos no Paraguai também em 2016, e na Argentina em 2017.

Finalizo o resumo de apresentação mostrando que tais movimentos na América Latina que ocorreram na contemporaneidade se constituem a partir de um processo que componentes políticos ligados à ação direta e a autonomia, e um questionamento às formas tradicionais da política representativa que encontramos convencionalmente.

REFERÊNCIAS:

CARDOZO, Fernanda Soares. A resistência dos desempregados na Argentina: o movimento piquetero e o debate sobre o trabalho. IX Encontro Estadual de História – Associação Nacional de História – Seção Rio Grande do Sul, ANPUH-RS, 2008.

CASTORIADIS, Cornelius. Socialismo ou barbárie: o conteúdo do socialismo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

DE CLAYRE, Voltairine. Ação Direta. Disponível em: https://www.anarquista.net/wp-content/uploads/2013/09/acao_direta_voltairine_de_cleyre.pdf.

HILSENBECK FILHO, Alexander; SPINELLI, Lucas Gebara. Zapatismo: pedagogia da autonomia e prática da liberdade. In: RODRIGUES, Fabiana C.; NOVAES, Henrique T.; BATISTA, Eraldo L. São Paulo (orgs.). Movimentos Sociais, Trabalho Associado e Educação para além do Capital. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

MORAES, Wallace de. 2013 – Revolta dos Governados: ou, para quem esteve presente, revolta do vinagre. Rio de Janeiro: WSM Edições, 2018.

SILVA, Peterson Roberto da. O Anarquismo e a Legitimidade: tensões pós-modernas. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2018.